

## A PRESENÇA DA SOLIDÃO A SÓS OU EM COMPANHIA NOS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR E MARIA JUDITE DE CARVALHO

Niube Ruggero <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo objetiva analisar a temática da solidão na vida das personagens femininas das escritoras Clarice Lispector e Maria Judite de Carvalho, observando-se como conduzem o destino de cada uma delas. É certo que as concepções-de-mundo entre as escritoras apresentam afinidades marcantes, numa perspectiva da teoria existencialista. Nesse ponto de vista, a análise dos contos procurou levantar e questionar a solidão relacionada à existência e condição da mulher em uma sociedade de homens. Para tanto, também se procurou analisar, nos contos, os atravessamentos históricos e culturais, da sociedade brasileira e da portuguesa, nas quais as referidas escritoras atuavam.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Clarice Lispector; Maria Judite de Carvalho; Identidade Feminina.

### THE PRESENCE OF LONELINESS OR IN COMPANY IN THE STORIES OF CLARICE LISPECTOR AND MARIA JUDITE DE CARVALHO

**Abstract:** *The present study aims to analyze the theme of loneliness in the lives of the female characters of the writers Clarice Lispector and Maria Judite de Carvalho, observing how they lead the destiny of each one of them. It is true that the conceptions-of-the-world between the writers present remarkable affinities, in an existentialist theory perspective. From this point of view, the analysis of the stories sought to raise and question the loneliness related to the existence and condition of women in a society of men. For that, we also tried to analyze, in the short stories, the historical and cultural crossings, of Brazilian and Portuguese society, in which the mentioned writers worked.*

**Key-Words:** *Comparative literature; Brazilian literature; Portuguese Literature; Clarice Lispector; Maria Judite de Carvalho; Female Identit.*

---

<sup>1</sup> Doutora pela USP em Teoria da Literatura e Literatura Comparada – PPG-TLLC-USP. Diretora Acadêmica da Universidade Braz Cubas. Professora da Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Braz Cubas - UBC.

Parafrazeando Nélide Piñon, primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, imortal desde 1989, sempre me questionei onde estariam as mulheres enquanto os homens escreviam a História e as estórias.

Sempre me perguntei onde estava a memória antiga da mulher, não tendo ela escrito os livros, não tendo sido Machado de Assis, não tendo sido Shakespeare, não tendo sido Cervantes. A mulher foi alguém que não fez os grandes textos narrativos da humanidade.<sup>2</sup>

Um dia, com a resposta da própria Nélide, entendi. Estavam juntas aos homens, mas caladas:

Então percebi que a mulher não escrevia os livros, mas narrava por dentro; ela escrevia os livros por dentro, porque ela sempre esteve em todas as partes, ela não era um corpo excluído, era um corpo calado, silenciado. Ela falava, mas sua fala não era registrada, não era considerada a ponto de modificar aparentemente os desígnios do mundo. Ela participou certamente do grito primal, do primeiro esforço da linguagem, embora encerrada na alcova feminina. Um testemunho secreto, discreto, à parte.<sup>3</sup>

A escolha das escritoras, Clarice Lispector e Maria Judite de Carvalho, vem justamente ao encontro desta inquietação. Ambas, em seus textos, remetem-nos, entre outras questões, à problemática da mulher em fazer parte deste mundo de homens e seu questionamento no contexto da filosofia da existência humana.

É sempre possível encontrar na literatura de ficção, de ambas as escritoras, uma concepção-de-mundo, inerente ao texto em si mesmo, uma concepção que deriva da atitude criadora das escritoras, configurando e interpretando a realidade. Qualquer que seja a posição filosófica das escritoras, o certo é que as concepções-do-mundo de Clarice Lispector e Maria Judite de Carvalho têm afinidades marcantes com a filosofia da existência.

Tomamos aqui, emprestado por Heidegger, a finalidade geral do Existencialismo, não podendo estar efetivamente, “na análise da consciência mas sim na análise da existência” (JOLIVET, 1961,p.383). A existência tem prioridade sobre a essência, pois quando encaramos o ser da existência, podemos considerá-lo em seus três aspectos: o mundo, o ser do existente e o ser-em, ou estar-em. (Cf. idem p. 94).

Tanto Maria Judite de Carvalho, como Clarice Lispector exploram em suas narrativas, o questionamento da existência de suas personagens femininas em um mundo de homens, o ser-em, ou estar-em. Após leituras, análises e questionamentos dessa existência pesada e sem algumas vezes respostas, é que podemos então percorrer o mundo e o cotidiano que circunda essas personagens. De posse de tantas informações podemos analisar e concluir o que é o ser e o estar no mundo para essas personagens femininas. Mundo este que desde sempre sentenciou que o lugar da mulher é o lar, onde ela devia ser subordinada ao melhor julgamento do homem. Sentenciava Rousseau,

(...) são naturalmente mais fracas, apropriadas para a reprodução, mas não para a vida pública. As mulheres devem ser educadas para agradar os homens e ser mães. Devem ser educadas na reclusão sexual e castidade que legitimam a paternidade. Ela é irrevogavelmente dependente, e nada a pode livrar do controle dos homens. A natureza das mulheres determina seu destino e elas não devem ir contra ele. (NYE, 1995, p.20 e 21).

Tendo como eixo articulador o tema da solidão, em ambas as autoras, neste estudo comparativo tentou-se estabelecer um “paralelo” na representação da realidade com o fazer literário de cada autora, em face principalmente das personagens femininas, suas trajetórias e seus dramas existenciais, utilizando os contos “A Fuga” de Clarice Lispector e “O Aquário” de Maria Judite de Carvalho <sup>4[3]</sup>.

Analisando as obras de ambas as autoras, pôde-se perceber que há uma escrita fragmentada, não linear, quase silenciosa, buscando interpretar as pausas, as lacunas de suas vidas que se esvaem na solidão. As personagens femininas representam mulheres solitárias, na busca de um sentido para a vida, em busca de respostas por suas existências, que lhes escapa, em um mundo no qual os privilégios ainda são reservados aos homens. Prevalece a solidão a sós ou em companhia <sup>5[4]</sup>, nos universos femininos criados pelas escritoras.

Não se pode perder de vista para uma análise situacional o contexto sociocultural da época em que as escritoras produziram seus contos, bem como as sociedades em que estavam inseridas.

<sup>2</sup> Palestra intitulada “A Memória Invisível da Mulher”, realizada no Seminário Interno da Petrobrás, na sede da empresa, Itaigara, 2006.

<sup>3</sup> Palestra intitulada “A Memória Invisível da Mulher”, realizada no Seminário Interno da Petrobrás, na sede da empresa, Itaigara, 2006.

<sup>4[3]</sup> “A Fuga” em *A Bela e a Fera*, Clarice Lispector,

“O Aquário” em *Flores ao Telefone*, Maria Judite de Carvalho,

<sup>5[4]</sup> Utilizamos aqui o conceito dessas duas “solidões”. João Alexandre Barbosa explica que a solidão sociológica é a “solidão a sós”, é aquela que se manifesta pela ausência do outro, ausência física. Já a solidão ontológica é a solidão em companhia, que se manifesta pela presença do outro, mas com solidão interior. (Barbosa, 1990, p.144 e 165).

Essa análise da consciência interior, na literatura brasileira, segundo Benjamim Abdalla Júnior e Samira Youssef Campedelli em *Vozes da Crítica*, corresponde a um período histórico de busca de raízes: individuais, sociais e nacionais:

Em 1973, no Brasil, principia a abertura política da ditadura militar e o movimento feminista, organizado no país, desenvolve atuação sem precedentes. Paralelamente à busca da identidade individual, procura-se também definir a identidade feminina. Clarice é, então, assunto freqüente em jornais, revista e televisão. (ABDALLA e CAMPEDELLI, 1988, p. 47)

Em Portugal, no mesmo período, não encontramos um movimento social que inspirasse, mesmo que de longe, ao questionamento das convenções sociais e regras tão rígidas impostas por uma classe média pequeno-burguesa. Muito mais fechada que a sociedade brasileira, a sociedade portuguesa manteve suas mulheres presas, por mais tempo à sina do cabresto e bastidor.<sup>6[5]</sup>

É pela lente dessas escritoras portuguesa e brasileira, que tentamos desvendar a sociedade à qual pertencem e a intensidade do mal-estar social que se instalou na mente humana e que influenciou o homem moderno. Em outras palavras, as personagens clariceanas e juditeanas representam mulheres burguesas de classe média, inseridas em uma sociedade hostil, na qual a liberdade, a possibilidade de driblar as convenções sociais é, quase sempre, uma prerrogativa masculina.

Em seu aspecto formal, a escrita do conto, para ambas as escritoras, segue as características fundamentais do gênero, concentrando num só episódio, que lhes servem de núcleo, e que corresponde a determinado momento da experiência interior, as possibilidades da narrativa. Ambas seguem o mesmo eixo mimético que assente na consciência individual como limiar originário do relacionamento entre o sujeito narrador e a realidade. (Cf. NUNES, 1995, p.83).

Nos contos escolhidos, ambos possuem um episódio que seguem para um momento de tensão conflitiva. Assim, a tensão conflitiva se declara subitamente e estabelece uma ruptura da personagem com o mundo. Acontece a

crise declarada, que raramente se resolve através de um ato, mantém-se do princípio ao fim, seja como aspiração, seja como devaneio, seja como mal-entendido ou incompatibilidade entre as pessoas, tomando a forma de estranheza diante das coisas, de embate dos sentimentos ou de consciência culposa. (NUNES, 1995, p.84)

Também nos contos selecionados, a construção se faz por meio do monólogo interior e rompimento de enredo. Só como breve explicação, entendemos monólogo interior como um

recurso de caracterização de personagem que vai mais longe na tentativa de expressão da interioridade da personagem. O leitor se instala, por assim dizer, no fluir dos “pensamentos” do ser fictício, no fluir de sua “consciência”. (BRAIT, 1985,p.62)

Nesses contos há um mesmo fio condutor; um movimento de ir e vir, de saída e volta a casa, proteção para as personagens femininas.

A casa é um espaço simbólico. Segundo Bachelard, “examinada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo.” (BACHELARD, 1974, p.354). A casa como espaço simbólico representa ainda não apenas as nossas lembranças, mas também os nossos esquecimentos ali alojados. Acabamos por morar em nós mesmos.

Desse modo, o ir e vir, o sair e voltar para as casas, onde moram as personagens dos contos analisados, representam a saída da zona maior de proteção, a saída da zona de conforto, fazendo com que as personagens tomem contato com uma realidade que as fazem pensar e nesse momento elas podem optar em não voltar para suas casas. Porém, algumas voltam. No caso de nossas personagens analisadas, voltam porque um dos benefícios mais preciosos da casa é que ela abriga o devaneio, protege o sonhador e o permite sonhar em paz. No caso das personagens femininas, a casa pode significar um espaço de proteção, segurança, refúgio e fuga de uma sociedade que torna o existir da mulher em um existir oprimido e reprimido. Gilberto Martins afirma que

O espaço da rua é a zona livre, que subitamente se torna local de perigo, onde o sujeito à deriva é levado a reconhecer, de forma radical, sua própria situação (ou condição) de desamparo. (apud.

<sup>6[5]</sup> À mulher não era permitido muito questionamento e nem muita impetuosidade no guiar de suas vidas. Da tutela do pai passavam ao marido. Também, tinham uma visão de bastidor, na medida em que não enxergavam além dos aros de bordar. Mesmo que o quisessem, não lhes era permitido.

Pontieri, 2004, p.21)

Porém, esse sair e voltar permite que a personagem feminina vivencie uma súbita liberdade atrelada a uma autodescoberta, mesmo que após esse momento de vislumbre, caia novamente na escuridão.

Começamos com o conto “A Fuga”. Como o próprio nome indica a narrativa vai tratar da fuga da personagem principal, que é uma mulher casada há doze anos, cujo nome não é declarado. Isso nos faz inferir que o fato ocorrido com essa personagem feminina pode se dar com qualquer mulher. Daí a generalização que podemos fazer: todas as mulheres padecem da mesma sina.

O conto traz, por meio de um narrador onisciente, a história de uma mulher casada há anos. Ela está na rua, espaço aberto que facilita o desligamento dos elos que a aprisionam, e alegre por se sentir liberta. Decidira, três horas antes, que iria embora e deixaria sua pacata e insossa vidinha de dona-de-casa. Chove nas ruas do Rio de Janeiro e perdida, não sabe qual direção tomar. Sua única certeza era a de que não voltaria para casa.

Estava cansada. Cansada dos doze anos de prisão e solidão. Pensa na antiga história de não encontrar o fundo do mar. Antes lhe dava angústia. Agora, não: Trazia um sabor de liberdade há doze anos não sentido. (BF, p.72).

No espaço de um dia, no período da tarde e noite, a personagem vagueia por ruas e pelo monólogo interior tomamos ciência de que ela é muito infeliz:

Primeira coisa a fazer era ver se as coisas ainda existiam. Se representasse num palco essa mesma tragédia, se apalparia, beliscaria para saber-se desperta. O que tinha menos vontade de fazer, porém, era de representar. Não havia, porém, somente alegria e alívio dentro dela. Também um pouco de medo e doze anos. (BF, p.72)

Decide então transformar sua vida, pois vive atrás de uma janela, olhando pelos vidros a estação das chuvas cobrir a do sol, depois tornar o verão e ainda as chuvas de novo. (BF, p.73) As horas passam e a personagem ainda não definiu o que fazer. Quer ir embora num navio, mas não tem dinheiro suficiente. Ir a algum hotel, não seria atitude apropriada a senhoras desacompanhadas e se fosse aos hotéis de primeira classe poderia encontrar um conhecido do marido.

No conto, Clarice Lispector propicia à sua personagem a descoberta da angústia existencial na qual vive ou sobrevive. Essa técnica colabora para a visitação do mundo interior das personagens, sempre manifestado pela subjetividade em crise. Devemos considerar, como Kierkegaard, a incerteza objetiva como sendo a condição da verdade existencial e, deste modo, tomar a fé como definição da verdade. Uma incerteza objetiva, intensamente vivida na mais fervorosa interioridade - eis o que é a verdade, a mais elevada para um sujeito existente. (apud. JOLIVET, 1961,p.48)

A memória serve de elo condutor entre o subjetivo e o “real”, favorecendo a auto-análise. Trata-se de mulheres confinadas e muitas vezes protegidas por um bom negócio matrimonial, mas com uma existência reduzida a atos cotidianos mecânicos que anulam a auto-estima.

Mais uma vez, encontramos em Clarice Lispector o meio familiar, mais especificamente, o casamento como aquele que ata a condição da mulher a um cotidiano repressivo, alienador e infeliz.

Nos limites da casa é que se constrói e se define o desempenho do papel feminino. E nesse ambiente, o homem é sempre o correto. O salvador, o benfeitor da mulher:

Por que os maridos são o bom senso? O seu é particularmente sólido, bom e nunca erra. Das pessoas que só usam uma marca de lápis e dizem de cor o que está escrito nas solas dos sapatos. Você pode perguntar-lhe sem receio qual o horário dos trens, o jornal de maior circulação e mesmo em que região do globo terrestre os macacos se reproduzem com maior rapidez. (BF, p. 73).

A leitura do conto “A Fuga” revela-nos uma personagem embriagada de felicidade. Ela havia conseguido tomar a decisão de ir embora e deixar para trás doze anos de casamento:

Os dias se derretem, fundem-se e formam um só bloco, uma grande âncora. E a pessoa está perdida. Seu olhar adquire um jeito de poço fundo. Água escura e silenciosa. Seus gestos tornam-se brancos e ela só tem um medo na vida: que alguma coisa venha transformá-la. (MELLO E SOUZA, p. 73).

Ela ainda fala que só hoje (naquele momento de ação), depois de doze séculos, havia tido coragem de sair de casa.

E sai de casa. Vai para a rua, mesmo embaixo de chuva. Chuva que simboliza o início, o começar e o recomeçar. Nossa personagem está pronta para uma nova vida, ainda que sinta medo do novo: Mas que é que vai acontecer agora? (BF, p. 71)

Ela não queria voltar.

O narrador dá-nos a conhecer uma mulher fragilizada, com um olhar muito míope, como diria Gilda de Mello e Souza <sup>7[6]</sup>, um passarinho assustado sem conseguir enxergar ao longe seu caminho.

Perambulando pela cidade, vai sentindo o gosto da liberdade. Não queria voltar para casa, para seus doze anos que pesam como quilos de chumbo, porém, o tempo vai passando e, num momento de reflexão, ela percebe estar novamente presa à condição de uma vida sufocante ao lado de um marido perfeito.

Cansada, ela volta para casa. Encontra o marido, arranja uma desculpa e se deita na cama. Ela não sente fome. A personagem não sente nada além de uma solidão profunda, mesmo estando ao lado do marido. Neste momento lembra-se que seu objetivo era pegar o navio e ir embora. Agora, enquanto ela chora as “águas do navio” ele se foi. Partiu.

Ela teve seu momento mágico, de revelação. O seu momento epifânico. Clarice Lispector brindou com a busca e tentativa de se descobrir. Mas talvez ainda fosse prematuro para que ela saísse do isolamento a que fora submetida.

Em sua prosa, a autora faz um registro do mundo interior das personagens e denuncia os conflitos do homem moderno frente a uma sociedade que nos impõe o sofrimento, a solidão, o exílio e a incomunicabilidade. Mais ainda, Clarice toma para si a responsabilidade de denunciar a trajetória de vida de muitas mulheres que, em suas rotinas, sofrimentos e humilhações, resignações e solidão, encontram-se no meio de nós.

Percebe-se que, muitas vezes, o objetivo da escritora é o de atingir as regiões mais profundas da mente das personagens para aí sondar complexos mecanismos psicológicos.

Com um enredo de importância secundária, as ações, quando ocorrem, destinam-se a ilustrar características psicológicas das personagens. São comuns histórias sem começo, meio ou fim, por isso a autora dizia-se uma sentidora, porque registrava aquilo que sentia.

Mais que histórias, seus livros são registros de impressões da escritora ao captar os problemas da modernidade e transferi-los para as suas personagens que, em determinado momento, encontram-se em desequilíbrio interior, questionando seu “estar-no-mundo” e buscando mudar o rumo de suas vidas.

Questões filosóficas profundas, como a verdade da condição humana está colocada nos textos da autora. Essa reflexão, por muitas vezes, é despertada a partir de um fato aparentemente banal e jorra como produto incontrolável classificado como monólogo interior, obedecendo a um ritual reflexivo, tortuoso e até mesmo doloroso. É precisamente nesse universo que se revela a obra da autora em toda a sua profundidade. Infere-se da leitura uma crítica à classe média burguesa, na qual se inserem suas personagens femininas. Essa afirmativa cai perfeitamente para o conto analisado: “A Fuga”. A personagem sem nome, após doze anos de casamento castrador e solitário, resolve fugir. Em liberdade, vagueia pelas ruas do Rio de Janeiro, em uma tarde de chuva. Deseja fugir de navio, mas como não tem dinheiro, decide voltar. A “fuga” não se concretizou. Mais uma vez, sua fuga seria adiada. Fugiria, mais uma vez em seus sonhos.

Em contraponto ao conto clariceano, temos o conto “O Aquário”.

A personagem do conto nos é apresentada por meio de um narrador onisciente. Ela está no espaço da sala de sua casa. A protagonista também não tem nome. Podemos interpretar que a mesma faz alusão a todas as mulheres da sociedade pequeno burguesa, confinadas em suas casas, presas à rotina de seu casamento. São todas iguais.

A personagem muda os móveis de lugar. Repentinamente as lembranças da protagonista rompem a ação inicial. Em suas conjecturas de posicionamento dos móveis, um pensamento a incomodava: era sempre necessário responder à insistente pergunta de seu marido: Feliz? (FT, p.107).

Tinha consciência do círculo vicioso. Ele dizia que era preciso saber onde estavam seus pensamentos, para que assim pudesse sair de casa. No espaço de tempo de uma tarde, enquanto arrumava outra disposição para os móveis,

<sup>7[6]</sup> MELLO E SOUZA, Gilda. *O vertiginoso relance*. 1980.

olhou-se no espelho. Importante símbolo na literatura juditeana, o espelho remete à idéia do outro, do ver-se no outro, do ver-se pelo outro, ou ainda do ver-se através do outro.

De acordo com o Dicionário de Símbolos (1988), o espelho será o instrumento da Iluminação. O espelho é, com efeito, símbolo da sabedoria e do conhecimento, o que nos leva a inferir que a protagonista tinha consciência da sua situação:

O espelho quadrado lançou-lhe em rosto o sorriso de agora, que lhe surgiu maquinalmente na boca. O fim da tarde dava uma estranha profundidade às coisas e ela era simplesmente uma coisa, uma imagem qualquer apagada, a boiar na escura transparência das águas tristes e solitárias do seu aquário pessoal. (FT, p.105).

Instigador da problemática do inconsciente, o espelho aparece em muitas obras de Maria Judite, com intenção de, por ele, através dele, as personagens buscarem seu “eu” interior, uma espécie de “outro” que há em cada uma delas. Os espelhos acabam por ser reflexo das falências das personagens juditeanas. É também por meio do espelho que as personagens tentam enxergar as falências à sua volta. (CANIATO, 1996, p.64-65)

Ela sabia que estava sozinha e que estava mudando móveis porque não podia mudar outras coisas. Não podia mudar sua vida. Por isso trocava tudo e compunha cenários novos. Para não ter de fugir outra vez. (p. 106).

Entre suas lembranças e seus questionamentos, a sala vai sendo mudada e no final do conto as duas estão diferentes: tanto a sala como a personagem. Então, lembra-se que o marido vai chegar e ela terá de explicar que os móveis ficam melhores assim. Novamente perguntará se está feliz e ela lembrará do sorriso ansioso do marido à espera do sim. Espera a resposta porque tem medo de levá-la novamente ao Hospital.

É só no penúltimo parágrafo que descobrimos que a personagem já havia passado por um Hospital. Seria um sanatório? E de repente não consegue mais parar de rir Não parava de rir. Não podia, era mais forte do que ela. (FT, p.107)

Também o espaço simbólico do aquário aparece na escrita juditeana. Podemos entendê-lo a princípio, como um lugar fechado onde as mulheres, assim como os peixes, estão aprisionadas. Os outros passam e olham, lêem o nome, seguem adiante, já se esqueceram. Pagaram o seu bilhete à entrada, podem parar e ler o nome. (FT, p.105).

Podemos entender também o aquário como um espaço físico que se alarga para o espaço interior: seu aquário pessoal (FT, p.105) e dentro desse pequeno mundo interno, a personagem teria momentos de reflexão, de questionamento de sua vida e até de encontro com seu eu, numa busca incessante de sua identidade, por sua identidade.

Revela-se a situação da mulher, sozinha, mesmo quando acompanhada, sem realizar nada, além de suas obrigações habituais. É a mulher que sente tédio, amargura, sem apreender as causas verdadeiras, é a mulher que não consegue achar um sentido para a própria vida.

depois em gastar o dia - tão longo - caminhando por ele fora e fugindo cuidadosamente às armadilhas, e em sorrir outra vez quando ele, no regresso, lhe perguntava se era feliz. Dificuldade em dizer outra vez que sim. (FT, p.104)

A protagonista tem também, como outras personagens juditeanas, seu momento de consciência: Já não podia fugir. Estava amarrada de pés e mãos. (FT, p.105).

O aquário, onde os peixes se movimentam, serve de inspiração para a personagem. Consciente de que não vai mudar a sua vida, muda os móveis de lugar. Seria ela também um adorno da casa, como o aquário. No conto, é no momento do “olhar no espelho” que ocorre a tomada de consciência, a personagem sente-se como os peixinhos que no aquário vivem. Expostos à visita devem permanecer ali, sem reclamar ou se revoltar. Também ela, presa em sua sala deveria ficar ali, para visita, cumprindo o que havia prometido à sociedade. Todos pagaram pelo espetáculo.

Consciente de sua situação, percebeu o mundo de dentro do aquário e numa tentativa de viver fora d’água se viu como o peixe em pedaços, inexpressivo e perdido em seu metro cúbico de água suja.

A sensação que temos da leitura da obra de Maria Judite de Carvalho é que as personagens se movem num espaço ou num caminho sem sinalização. Seus mundos são constantemente desfeitos por homens, normalmente seus próprios companheiros e a sua volta, embora existisse tanta gente, elas continuam sozinhas, cansadas de suas

próprias vidas.

Para cada personagem um final. Uma representação do próprio universo feminino, onde todas as mulheres, independente das sociedades portuguesa ou brasileira, podem se encontrar e se visualizar. É desse universo que Maria Judite de Carvalho e Clarice Lispector se ocupam. Também talvez por suas próprias condições de escritoras, onde como mulheres, elegeram as personagens femininas e o mundo que as rodeiam como alvo de suas atenções.

Para esse estudo, justamente dois contos com personagens sem nome foram escolhidos. Tanto Clarice Lispector como Maria Judite de Carvalho possuem personagens femininas sem nome. Podemos inferir ser uma padronização de destinos, ou seja, mulheres pertencentes a uma classe burguesa, indiferentemente sobre as diferentes sociedades, podem padecer da mesma rotina, do mesmo destino.

A protagonista de *O Aquário* é descrita pelo narrador onisciente a mudar móveis de posição, no espaço ficcional da sala de sua casa. Ela sente necessidade de mudar os móveis uma vez que não consegue mudar sua vida:

Ao fim de dez, quinze dias, vinte no máximo. Mas nessa altura tudo voltaria à mesma, tudo seria igual ao que era dantes. E tornar-se-ia necessário mudar qualquer outra coisa. (FT, p.103)

Maria Judite ao tecer a narrativa coloca a protagonista tendo dificuldades com a escrivanhinha, mas dá consciência a ela que outras coisas estavam dificultando sua vida: A escrivanhinha dificultava a entrada. Não era a única dificuldade. Que importância podia ter mais uma? (p.104).

Em sua arrumação, metonimicamente a escrivanhinha lhe dificultava a entrada. Dificuldades que se somam, como a de acordar, a de repetir que é feliz, a de sorrir, enfim, a de sempre fugir das armadilhas: A escrivanhinha dificultava a entrada. Não era a única dificuldade. Que importância podia ter mais uma? (FT, p.104).

Na arrumação dos móveis, o olhar para o espelho e ao se olhar nossa personagem se dá conta de sua vida e sua solidão. Passa os dias a arrumar móveis e a inventar o que fazer. Em seu aquário pessoal percebe-se um peixe em exposição que seu marido guardava como raridade e todos os dias perguntava se estava feliz em seu aquário.

E era justamente desse espetáculo que a protagonista fugia: Era um espetáculo fascinante a que ela fugia sempre que possível. Qualquer pretexto era bom. (p.105)

Sabendo-se presa nessa rotina tenta mudar o que pode, para fugir. Reclamava que as pessoas não a entendiam, mas explica que seu comportamento era necessário porque tudo ia morrendo à sua volta e se ela não fizesse isso, teria que fugir novamente. Nesse momento, temos um indício que algo já aconteceu com a personagem feminina: Por isso trocava tudo e compunha cenários novos. Para não ter de fugir outra vez. (p.106).

E no momento em que se lembra da pergunta de seu marido “se era feliz”, desata a rir e perde-se em seu riso.

Sozinha, tentando transformar os móveis em companhia, tem seu momento de consciência, mas perde-se em sua loucura. O olhar faz com que caia em si, tome consciência de sua vida alienante e acaba por tentar prender-se à realidade por meio de pequenos afazeres, mas é tragada de sua vida.

Tendência geral das personagens juditeanas é a de ceder sem opor resistência. Acabam por acostumar-se à convivência diária com a frustração, o rancor, a mágoa e a solidão. Totalmente solitárias acabam buscando apoio de si mesmas porque, quando recebem apoio de fora, é sempre muito pouco e nem sempre serve como consolo. São personagens fadadas ao silêncio. Por vezes, quando se percebem nessa situação, a angústia toda conta do ser levando-o à loucura. A autora pintou com letras certas o retrato de uma época de silêncios femininos gerados por bocas fechadas.

As mulheres juditeanas, perdidas nos mares dos tempos modernos, assemelham-se a pequenas ilhas que se movem solitárias, abandonadas ao seu próprio silêncio. Quando se vêem diante de outras mulheres-ilhas, ou ainda, diante daquele que deveria ser o seu companheiro, a incomunicabilidade é nítida. Se há falas, elas não se conjugam; se há expectativas, elas são desencontradas; se há diálogos, este só faz distanciar. E o silêncio sempre a acompanhar as personagens. (MAFRA, 2002, p.18).

O silêncio leva-as à solidão. Solidão exterior, pela ausência dos outros e solidão interior, que se revela pela presença. Baptista Bastos afirma que a autora trabalha também a clausura, entendendo clausura como solidão:

Solidão portanto interpretada como violência imposta pela sociedade; solidão como ‘fato social’.

Solidão no realizado e no irrealizável, nos atos, no amor, na esperança, no sentido da vida, nas relações humanas, nos projetos. Solidão como sinônimo de fálencia. (BAPTISTA-BASTOS,1975, p.11-18)

Os textos juditeanos são um testemunho da vida cotidiana direta e próxima a nós, principalmente às mulheres. Através de seu olhar, Maria Judite capta a cena, filtra-a e a transforma sutilmente em palavras.

Andrea Ney, em Teoria Feminista e outras Teorias do Homem, expõe o pensamento de Madame de Staël com um novo tom:

As mulheres aceitam uma situação “situação na ordem social”, e, além disso, o papel que as mulheres devem desempenhar é impossível. Nele não há felicidade: dele não há escapatória. Não só as mulheres são o que são pela natureza como são também o que os homens desejam que sejam. (NEY, 1995, p21)

A escritora portuguesa procura, por meio de suas histórias, identificar sua concepção de mundo, mundo dominado pela frustração no amor e na amizade e pelo excesso de egoísmo, tudo a resultar numa solidão irremediável.

Concluindo, Fernando Mendonça pondera que

A obra de Maria Judite de Carvalho é um painel onde as mulheres se repetem e se repetem as situações. Sem dúvida que elas se perfilam na mesma pobreza remediada ou na mesma mediania conformada, unidas no desencanto de enfrentar os dias. (...) Todas são o retrato em corpo inteiro de mulheres que homens gastaram gratuitamente e a quem de qualquer modo deram as chaves dos armários vazios. (MENDONÇA, 1973, p.176/177).

Ambas as personagens, em períodos da tarde sentiram-se só e sozinhas procuraram resolver seus conflitos. Sozinhas buscaram o sentido para suas vidas. Nem todas as mulheres conseguem, mas todas estão à procura de si mesmas.

Duas mulheres, dois destinos. Ambos embaraçados pelo trágico destino de se ser mulher em uma sociedade de homens. Ambas as escritoras, ao inventarem mundos expressivos para suas personagens, empreenderam na tentativa de conscientização do estado de submissão secular no qual as mulheres vivem. Submissão que segundo Urbano Tavares Rodrigues é um mundo masculino, ou seja, um mundo organizado pelos homens e para os homens. (RODRIGUES, 1970, p.190)

São essas as mulheres de Clarice e Maria Judite. Mulheres que sofrem por existirem em uma sociedade em que seu papel é meramente decorativo. É dar vida e voz a essas mulheres, um dos grandes objetivos da escrita feminina.

Em ambas as escritoras encontramos um mergulho na alma humana. Em Clarice Lispector ocorrem ainda breves momentos em que determinadas personagens possuem situações privilegiadas de lucidez, que podem orientá-las em direção à própria essência ou à compreensão de uma outra possibilidade de vida. Elas, as personagens femininas, podem escolher entre a ruptura ou a volta à mesmice do cotidiano.

Diferentemente de Clarice Lispector, o estilo de Maria Judite de Carvalho é outro. É um estilo contido que sugere, penetra, define e magoa, justamente pela contenção das palavras. Pelas palavras poupadas. As personagens juditeanas possuem soluços abafados e lágrimas represadas justamente pela solidão que lhes é imposta como condição sine qua non de ser mulher. A humanidade das personagens juditeanas é isso: criaturas humanas combalidas e magoadas, feridas pela vida e pelo vazio da solidão imposta.

Com este estudo comparatista, pudemos observar como as autoras se serviram de um mesmo ponto de partida, para a elaboração das histórias, percorreram caminhos diversos e apresentaram a sua visão particularíssima de um mundo feminino perpassado pela solidão. Pela leitura e análise dos contos detectou-se a consciência crítica da mulher em relação a si mesma, ao mundo onde vive e em relação à “imagem” que a sociedade cristã/burguesa/liberal/patriarcal (herança deixada pela Idade Média e consolidada pelo Romantismo) propõe à Mulher, como modelo de comportamento, modelo este que é diferentemente questionado nas sociedades portuguesa e brasileira em questão.

Não são “histórias contadas aleatoriamente”, mas observações que cada uma delas registrou baseando-se em problemas que a mulher vivenciava: uma mulher socialmente oprimida e em busca de um sentido para a vida. Mulheres marcadas pela solidão a sós ou em companhia.

## Referências

- ABDALLA JUNIOR, Benjamin e CAMPEDELLI. “Vozes da Crítica”. Ed. Crítica - org. Benedito Nunes. In: **A Paixão segundo G.H.** Santa Catarina, Ed. UFSC, 1988.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- BARBOSA, João Alexandre. **A Leitura do Intervalo. Ensaios de Crítica**. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- BAPTISTA- BASTOS. “Maria Judite de Carvalho: uma ternura magoada”. Em: “**Prefácio**” de **A Janela Fingida**. Lisboa, Seara Nova, 1975.
- BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1985.
- CANIATO, Benilde Justo Lacorte. **A solidão das mulheres a sós**. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses - USP, 1996.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1988.
- JOLIVET, Régis. **As Doutrinas Existencialistas**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1961.
- MAFRA, Telma Aparecida. **O silêncio e a palavra truncada nos contos de Maria Judite de Carvalho**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2002.
- MELLO E SOUZA, Gilda de. “O vertiginoso relance”. In: **Exercícios de leitura**. São Paulo: Duas Cidades, 1980.
- MENDONÇA, Fernando. **A Literatura Portuguesa no Século XX**. HUCITEC, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1973.
- NUNES, Benedito. **O Drama da Linguagem** - Uma leitura de Clarice Lispector. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.
- \_\_\_\_\_. **O dorso do tigre**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970.
- NYE, Andrea. **Teoria Feminista e as Filosofias do Homem**. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.
- PONTIERI, Regina (org.). **Leitores e leituras de Clarice Lispector**. São Paulo: Hedra, 2004.
- RODRIGUES, Urbano Tavares. **Ensaios de Escrever**. Porto: Inova, 1970.
- RUGGERO, Niube. **O olhar feminino nas crônicas de Maria Judite de Carvalho e Clarice Lispector**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Faculdades de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Fios que se desfazem: A solidão em Clarice Lispector e Maria Judite de Carvalho**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdades de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2005.

